

O PASTOR E OS SEUS RELACIONAMENTOS: O PASTOREIO NA CONVIVÊNCIA COM OS LÍDERES DA IGREJA

Charles Fabian Costa Fernandes¹

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de contribuir para a reflexão contínua sobre os relacionamentos do pastor. Ao longo deste escrito, o contexto relacional da convivência com os líderes da igreja será abordado. O relacionamento com os anciãos e líderes será tratado dentro da atividade do pastoreio. Embora o foco aqui seja o pastor, este não será o único protagonista das ações necessárias propostas para um bom relacionamento dele com a liderança. O pastor precisa da interação de mais pessoas para enriquecer seu relacionamento, tanto interno quanto externo. Com isso em mente, será usada a expressão “integração do pastor” com referência ao papel dele no que se refere a seu esforço para aproximar de maneira positiva a igreja da comunidade. Assim, neste artigo será feita uma breve análise sobre o pastoreio do pastor à luz da Bíblia, dos escritos de Ellen White e do pensamento de autores especializados. Adicionalmente, será sugerido um modelo de atendimento pastoral baseado numa rede de pequenos grupos..

Palavras-chave: Relacionamento interpessoal. Habilidades Sociais. Prática Pastoral.

¹ Doutor em Ministério pelo Fuller Theological Seminary (FULLER). Docente no Seminário Adventista Latino-America de teologia - Faculdade Adventista da Bahia (SALT-FADBA).

Quando um pastor chega a um distrito, sabe que tem a responsabilidade de pastorear os membros da igreja. Além das demandas administrativas, promocionais e evangelísticas, pesa sobre ele a tarefa de cuidar do seu rebanho. A pergunta que surge é: isso é possível? Considerando-se a realidade da maioria deles, os quais têm muitas igrejas para cuidar, é razoável esperar que consiga dar conta desse grande desafio?

A resposta depende de qual rumo o pastor tomará. Caso decida priorizar o pastoreio dos membros, terá basicamente duas opções: realizar um pastoreio solitário ou abraçar a ideia de um pastoreio compartilhado. O pastoreio solitário consiste na tentativa de cuidar dos membros sem a ajuda dos outros. Nessa alternativa, ainda que bem intencionado, ele cumpre seu trabalho sozinho, visitando as famílias, os enfermos, os idosos, os recém-conversos, os casais com dificuldades, os interessados, os afastados e também os líderes da igreja.

Não há dúvida de que um pastor como esse merece todo o reconhecimento por sua dedicação. Infelizmente, esse tipo tem se tornado mais raro, uma vez que a visitação deixou de ser uma prioridade para muitos ministros. Jonas Arrais, um dos líderes mundiais da Igreja para a área de treinamento e apoio aos pastores adventistas, tem a mesma percepção:

Através de visitas que realizo aos pastores ao redor do mundo, descobri que a maioria deles considera a pregação sua principal preocupação, e não dedicam muito tempo à visitação... Infelizmente, a visitação pastoral deixou de ser regra. O conceito de que o pastor visitador gera pessoas que frequentam a igreja já foi valorizado em épocas passadas, mas hoje não é mais assim. (Arrais, 2011, p. 65)

Mais adiante, o autor continua sua ponderação sobre essa lamentável realidade ministerial:

Muitos ignoram a visitação, pois concluem que se trata de um ministério árduo, que requer demasiado tempo. Alguns até mesmo sentem o desejo de que isso seja banido de seus afazeres. Mas não o será. Eles precisam reconhecer a grande necessidade da visitação na era impessoal em que vivemos. Apesar das dificuldades modernas, os membros da igreja ainda acalentam no coração a esperança de ser visitados e receber a atenção dos líderes da igreja. O ministério pastoral inclui a visitação. Ela faz parte da filosofia de nosso ministério. (Arrais, 2011, p. 74)

Nessa forma de trabalho solitário, o pastor não desenvolve um plano de assistência espiritual compartilhada. Ele absorve a maioria dos problemas dos membros, faz todas as visitas e dá todos os conselhos. Nesse cenário, é fácil imaginar qual será o desfecho: um ministro sobrecarregado, provavelmente com esgotamento físico e mental, e uma igreja insatisfeita, cujos membros estão igualmente aflitos e exaustos, como “ovelhas que não têm pastor”, mesmo que ele esteja literalmente morrendo de trabalhar. A não ser que reconheça a necessidade de compartilhar seu ministério, será impossível pastorear

satisfatoriamente os membros da Igreja.

A realidade descrita acima lembra o que aconteceu com Moisés no deserto, quando também tentou sozinho pastorear o povo de Israel. Ao ver sua condição, Jetro, seu sogro, deu-lhe um precioso conselho, conforme registrado em Êx 18:17-24:

¹⁷ Não é bom o que você está fazendo. ¹⁸ Com certeza todos ficarão cansados, tanto você como este povo que está com você. Isto é pesado demais para você; você não pode fazer isso sozinho. ¹⁹ Escute agora o que vou dizer. Eu o aconselharei, e que Deus esteja com você. Represente o povo diante de Deus, leve as suas causas a Deus, ²⁰ ensine-lhes os estatutos e as leis e faça com que conheçam o caminho em que devem andar e a obra que devem fazer. ²¹ Procure entre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens que amam a verdade e odeiam a corrupção. Coloque-os como chefes do povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez, ²² para que julguem este povo em todo tempo. Toda causa grave trarão a você, mas toda causa pequena eles mesmos julgarão; assim será mais fácil para você, e eles o ajudarão a levar essa carga. ²³ Se você fizer isto, e se essa for a ordem de Deus, então você poderá suportar e também todo este povo voltará em paz ao seu lugar. ²⁴ Moisés atendeu às palavras de seu sogro e fez tudo o que este lhe tinha dito.

Usando como referência a sabedoria do conselho de Jetro, Ellen White enviou uma mensagem a um líder que não compartilhava o ministério com os outros. Como resultado, tanto ele quanto os outros enfrentavam muitas dificuldades.

Sinto-me preocupada em relação a você. Sonhei que você estava contando algumas de suas proações e eu disse: Meu irmão, se você tivesse o mesmo espírito que Moisés teve, teria obreiros eficientes com você. Quando Moisés estava muito sobrecarregado, o Senhor levantou a Jetro como conselheiro e ajudador. O conselho foi aceito, e os fardos que vinham sobre ele foram divididos com outros e, desse modo, um duplo objetivo foi alcançado. Moisés foi aliviado e teve melhores oportunidades para sua vida, e homens foram aprendendo a assumir responsabilidades para qualificá-los a fazer o trabalho em posições de confiança, de modo que Israel não aprendesse a olhar e confiar em um único homem e julgar que ninguém poderia fazer algo por eles sem que antes se dirigissem àquele homem. Sei que é difícil abrir mão de algumas responsabilidades e dar a outros oportunidades para usufruírem todas as vantagens e conselhos de sua experiência para ajudá-los. A menos que isso seja feito, eles conduzirão o trabalho com dificuldade, sem instrução e conselho que é privilégio deles ter. (White, 2010a, p. 88) — Carta 64, 1886.

O pastoreio solitário não produz resultados duradouros. A razão é que ele está concentrado em apenas uma pessoa, não há um compartilhamento, não há desenvolvimento dos líderes. Muito esforço é empreendido, pouco resultado é alcançado. Esse modelo pode parecer heroico, mas é insuficiente para atender às necessidades espirituais das pessoas, pois ninguém pode ser pastoreado devidamente apenas com uma visita anual, por melhor que esta seja, já que problemas são diários, não anuais.

Assim, diante da pergunta “É possível ao pastor pastorear seu rebanho?”, a resposta é não, se ele tentar fazer isso sozinho, sem a participação de líderes dispostos a pastorear pequenos rebanhos. Sozinho, jamais conseguirá.

A segunda opção de atendimento é o pastoreio compartilhado. Trata-se simplesmente de uma estratégia já conhecida e aplicada por alguns ministros que se baseia em um sistema de liderança de pequenos grupos. Embora nenhum modelo seja perfeito, essa proposta tem produzido resultados satisfatórios tanto ao pastor quanto à igreja. Para isso, o pastor precisa começar discipulando um pequeno grupo de líderes. Esse processo requer tempo e dedicação, mas não há atalhos no preparo de líderes que demonstrem um nível elevado de compromisso. Todo tempo investido na formação de obreiros comprometidos valerá a pena.

A construção de uma rede de líderes demanda um plano mais consistente de treinamento. Treinamentos superficiais têm pouco resultado, mas investir sua vida em outras produz frutos que permanecem. O preparo dos líderes se dará mais pela convivência e exemplo do que por discursos ou apresentações. É necessário vida na vida, acompanhamento pessoal, orientação pessoal a fim de que o discípulo aprenda de fato a discipular outras pessoas.

O pastoreio consistente exige cuidado regular e intencional. Nesse sentido, é preciso que existam líderes suficientes para cada pequeno grupo de irmãos, a fim de que ninguém fique sobrecarregado; a média ideal é que haja um líder para cada dez ou 12 pessoas. Assim, em uma igreja com 100 membros, serão necessários pelo menos 10 líderes, os quais devem ser capacitados para pastorear um pequeno grupo, do mesmo modo como foram pastoreados pelo pastor. Uma vez tendo recebido o treinamento, estão aptos a desempenhar seu ministério. Somente assim, as ovelhas serão devidamente pastoreadas.

Nesse caso, ante a pergunta “É possível ao pastor pastorear suas ovelhas?”, a resposta é sim, desde que seja mediante uma rede de líderes devidamente treinados.

Esse plano se baseia na formação de líderes – podem incluir naturalmente anciãos, diáconos, oficiais da igreja, professores da escola sabatina e, principalmente, líderes de pequenos grupos – que se comprometam em pastorear pequenos grupos de discipulado. Não importa de onde venham, desde que estejam imbuídos em cuidar de uma pequena comunidade.

Para isso, o pastor precisa ter uma visão correta do discipulado e compartilhá-la com sua liderança. Em seguida, deve preparar um pequeno grupo de líderes que compreendam a visão e se comprometam com ela a fim de iniciar a formação de uma rede de pastoreio na igreja local. Esse plano é simples, mas não é fácil e exigirá um alto nível de engajamento dos envolvidos. De todo modo, é uma jornada que vale a pena, pois os resultados alcançados compensam os esforços empreendidos.

Muitos pastores já pagaram o preço dessa visão ministerial, e, para eles, o ministério ganhou um novo significado ao experimentarem um modo mais consistente de trabalhar. Descobriram que sua maior contribuição é preparar os “santos para a obra do ministério, para o desempenho do seu serviço” a fim de a igreja, como um “corpo, bem ajustado e

consolidado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio crescimento para a edificação de si mesmo em amor” (Ef 4:16).

Esse processo de discipulado representa um retorno ao modelo bíblico. A igreja primitiva funcionava nos lares, e ali as pessoas viviam em comunidade, compartilhando os valores do Reino de Deus umas com as outras. Por meio do discipulado relacional, essa experiência pode ser novamente vivenciada pela igreja moderna. O objetivo é tornar a igreja do século 21 mais parecida com a do primeiro século.

Além de muita oração, será preciso investir fortemente no preparo de líderes para que essa nova realidade aconteça. A participação do pastor é fundamental, pois é peça-chave; cabe a ele decidir se pagará o preço por essa visão de igreja.

De todas as atividades ministeriais, pastorear é a que mais reflete a identidade do pastor. Afinal, o que se pode esperar dele senão que pastoreie?

Em certo sentido, as palavras que usamos para descrever nosso chamado determinam a sua natureza. Identificamo-nos ministros; por isso, servimos à igreja. Somos pregadores; por isso, pregamos a Palavra de Deus. Se nos chamamos pastores, isso quer dizer que também pastoreamos o rebanho da igreja. (Arrais, 2011, p. 68)

Contudo, um título nem sempre corresponde à realidade. Em se tratando de sua identidade, o pastor muitas vezes exerce papéis que não têm nenhuma relação com a essência do seu chamado. No contexto contemporâneo, ele é instado a atuar como gerente, promotor de eventos, líder de campanha, vendedor, administrador, construtor, terapeuta, *líder-coach* e até influenciador digital. Nenhuma dessas atividades descreve com precisão bíblica o seu trabalho essencial. Ainda que alguns sintam-se tentados ou pressionados a desempenhar essas funções, o pastor fiel resistirá às pressões que buscam desconstruir sua verdadeira identidade. Essa é uma questão extremamente pertinente, pois, ao perder sua identidade, perde a legitimidade para exercer seu ministério.

Um dos aspectos essenciais da identidade pastoral é a prática do pastoreio, e esse tópico será considerado à luz da Bíblia e dos escritos de Ellen White nos próximos parágrafos. Importantes contribuições de pastores experientes também serão citadas aqui, pois representam o bom senso organizado.

O tema do pastoreio é encontrado desde o Antigo Testamento, e um dos textos mais contundentes a respeito se acha no livro de Ezequiel (34:2-6):

Filho do homem, profetize contra os pastores de Israel; profetize e diga-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Ai dos pastores de Israel que apascentam a si mesmos! Será que os pastores não deveriam apascentar as ovelhas? ³ Vocês comem a gordura, vestem-se da lã e matam as melhores ovelhas para comer, mas não apascentam o rebanho. ⁴ Vocês não fortaleceram as fracas, não curaram as doentes, não enfaixaram as quebradas, não trouxeram de volta as desgarradas e não buscaram as perdidas, mas dominam sobre elas com força e tirania. ⁵ Assim, elas se espalharam, por

não haver pastor, e se tornaram pasto para todos os animais selvagens. ⁶ As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes e por todas as colinas. As minhas ovelhas andam espalhadas por toda a terra, sem haver quem as procure ou quem as busque.

Os pastores aqui representam os líderes da nação, provavelmente os sacerdotes e os últimos reis de Judá (1Rs 22:17; Jr 2:8). Trata-se de uma repreensão veemente dirigida àqueles que deviam zelar pelo bem-estar integral do povo. Fica claro nessa passagem o quanto o Senhor estava insatisfeito com a liderança da época: “Filho do homem, profetize contra os pastores de Israel: [...] Ai dos pastores que apascentam a si mesmos”. Essa denúncia indica o caráter egoísta e negligente dos líderes de Judá. Seu interesse não era pelas ovelhas, mas pelo que podiam tirar delas. Não se importavam com as pessoas, apenas consigo mesmos; para eles, o povo não valia nada. Conforme comenta Wiersbe (2006, p. 280), “Sempre que os líderes tomam do povo sem dar-lhe nada em troca, trata-se de um ato de exploração. Os verdadeiros líderes, porém, não exploram seu povo, mas se sacrificam por ele. Jesus, o Pastor, deu o exemplo ao entregar Sua vida por seu rebanho (Jo 10:10)”.

A motivação para o pastor não deve ser corrompida pela ambição material, poder ou *status*, pois o verdadeiro motivo do ministério deve ser o amor. Como está escrito: “se não tiver amor, nada serei [...] se não tiver amor, nada me adiantará” (1Co 13:2-3). Parafraseando-se outra passagem paulina (Gl 5:6), é possível dizer que, para Deus, o que importa é o ministério que atua pelo amor. “Aqueles que foram incumbidos de liderar o povo de Deus se viram expostos à tentação de ‘tosquiar o rebanho’ a fim de se beneficiar em termos de dinheiro ou *status*, em vez de realizar o verdadeiro e custoso trabalho de cuidar das ovelhas perdidas, feridas e desgarradas” (Adeyemo, 2010, p. 999).

Em sua conversa com Pedro após a ressurreição, Jesus mostrou ao apóstolo qual era a essência do ministério pastoral:

Jesus perguntou pela segunda vez:
- Simão, filho de João, você me ama?
Ele respondeu:
- Sim, o Senhor sabe que eu o amo.
Jesus lhe disse:
- Pastoreie as minhas ovelhas. (Jo 21:16)

De acordo com Jesus, a condição *sine qua non* para o ministério pastoral é amá-Lo de todo o coração e, motivado por esse amor, pastorear Suas ovelhas; somente nessas condições, pode-se exercer a incumbência ministerial. Baseado nesse diálogo, fica claro o que Jesus considera a essência do ministério: pastorear Suas ovelhas.

Anos mais tarde escrevendo aos líderes da igreja, Pedro praticamente repetiu o que Jesus lhe disse:

Aos presbíteros que há entre vocês, eu, presbítero como eles, testemunha dos sofrimentos de Cristo e, ainda, coparticipante da glória que há de ser revelada, peço ² que pastoreiem o rebanho de Deus que há entre vocês, não por obrigação, mas espontaneamente, como Deus quer; não por ganância, mas de boa vontade; ³ não como dominadores dos que lhes foram confiados, mas sendo exemplos para o rebanho. ⁴ E, quando o Supremo Pastor se manifestar, vocês receberão a coroa da glória, que nunca perde o seu brilho. (1Pe 5:1-4).

Nessa passagem, o apóstolo faz um apelo para que os presbíteros demonstrem três atitudes em seu pastoreio: pastoreiem espontaneamente, de boa vontade e como exemplos para o rebanho. Essas atitudes revelam três princípios importantes para o ministério pastoral, conforme será visto a seguir.

- 1) “espontaneamente”: o princípio da liberdade – o ministério não deve ser visto como uma camisa de força; trata-se de um alto privilégio concedido aos que são chamados por Deus. O pastoreio deve ser realizado livremente, não por força ou constrangimento. A verdade que liberta o pecador também liberta o pastor, dando-lhe um profundo senso de liberdade para testemunhar o evangelho da graça de Deus.
- 2) “de boa vontade”: o princípio da satisfação – o ministério deve ser exercido com prazer, não de má vontade ou movido por ganância. O pastor deve sentir profunda satisfação nele a tal ponto de, se fosse preciso, pagar para realizá-lo. “Eu de boa vontade gastarei e me deixarei gastar em favor de vocês” (2Co 12:15).
- 3) “como exemplos do rebanho”: o princípio do modelo – embora Jesus seja o exemplo máximo, o pastor deve viver uma vida coerente de tal maneira que possa ensinar aos outros tanto pela palavra quanto pelo modo como se conduz. Exortando a Timóteo, Paulo declarou: “seja um exemplo dos fiéis, na palavra, na conduta, no amor, na fé, na pureza” (1Tm 4:12).

A importância do pastoreio também é enfatizada na vida e no ministério de Paulo. Embora seja conhecido como “o apóstolo do gentios” e plantador de igrejas, ele possuía também um grande coração de pastor. “Tenho zelo por vocês com um zelo que vem de Deus”, disse aos coríntios (1Co 11:2). Zelo significa cuidado, preocupação, interesse. Ao falar isso, o apóstolo afirmou que seu zelo vinha de Deus, ou seja, tinha sua fonte *em Deus*. Significava que era algo resultado da graça de Deus, fruto do Espírito Santo em sua vida. Deus havia posto no coração dele um cuidado pelas pessoas que vinha de Seu próprio coração.

Na despedida aos anciãos de Éfeso, ele lembrou-lhes o período no qual os pastoreou: “Vocês sabem que jamais deixei de anunciar o que fosse proveitoso e de ensinar isso a vocês publicamente e também de casa em casa [...]” (At 20:20). A expressão “de casa em casa” revela o cuidado pessoal do apóstolo, que se importava

com cada ovelha do rebanho. Em seguida, fez um apelo para que esses líderes demonstrassem o mesmo cuidado pela igreja: “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho no qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue” (At 20:28).

Paulo tinha uma profunda preocupação por todas as igrejas, e expressou isso ao dizer: “Além das coisas exteriores, ainda pesa sobre mim diariamente a preocupação com todas as igrejas” (2Co 11:28). Esse cuidado pastoral pode ser visto logo após sua primeira viagem missionária. Após passar alguns dias em Antioquia, ele propôs a Barnabé: “Vamos voltar e visitar os irmãos em todas as cidades nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como estão” (At 15:36).

Esta proposta era característica de Paulo. Ele estava cheio de “preocupação com todas as igrejas” (2Co 11:28), as quais ele mencionava constantemente em suas orações (Rm 1:9; Ef 1:16; Fp 1:3). A julgar pela preocupação por Timóteo, revelada nas epístolas que escreveu ao jovem, Paulo cuidava tanto do crescimento espiritual de seus filhos na fé quanto da condição geral das igrejas que fundava. (Dorneles, 2014, p. 628)

Sobre o cuidado pastoral do apóstolo, Theodore P. Ferris (*apud* Champlin, 2002, p. 323) comenta:

O pastor fiel, à semelhança de Paulo, volta por muitas e muitas vezes, para ver como o seu rebanho está passando. Algumas vezes as ovelhas não passam muito bem, e precisam da demonstração de um interesse amigável, para que se sintam bem e felizes. Acima de tudo, entretanto, precisam ser lembradas do fato de que a vida cristã não é algo que pode ser desenvolvido em um curso intelectual de dois anos, para logo em seguida ser esquecido.

É digno de nota essa característica de Paulo, pois ele é retratado principalmente como um evangelista itinerante cujo foco principal era alcançar novos lugares, o que leva alguns a sugerirem erroneamente que não tinha tempo para visitar os que haviam se convertido ao Evangelho. Contudo, o testemunho bíblico revela que isso não é verdade. Mesmo sendo um missionário apaixonado, mesmo querendo salvar o maior número possível de pessoas, o apóstolo não se esquecia dos seus filhos na fé (Fp 1:3-8); por isso, voltava para visitar os irmãos, confirmá-los na fé, escolher líderes para cada igreja e reparar possíveis “deficiências” na fé dos que já estavam evangelizados (At 14:21-23; 1Ts 3:10).

Escrevendo aos filipenses (Fp 1:3-8), Paulo demonstrou o quanto seu coração estava ligado aos irmãos:

Dou graças ao meu Deus por tudo o que lembro de vocês, ⁴ fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vocês, em todas as minhas orações. ⁵ Dou graças pela maneira como vocês têm participado na proclamação do evangelho, desde o primeiro dia até agora. ⁶ Estou certo

de que aquele que começou boa obra em vocês há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus. ⁷ Aliás, é justo que eu assim pense de todos vocês, porque os trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na defesa e confirmação do evangelho, pois todos vocês são participantes da graça comigo. ⁸ Pois Deus é testemunha da saudade que tenho de todos vocês, no profundo afeto de Cristo Jesus.

O mesmo afeto foi também expresso aos tessalonicenses (1Ts 2:17-20):

E nós, irmãos, estando separados de vocês por breve tempo, ficando longe dos olhos, mas perto do coração, com muito mais empenho e com grande desejo procuramos ir vê-los pessoalmente. ¹⁸ Por isso, quisemos ir até vocês – pelo menos eu, Paulo, por mais de uma vez –, porém Satanás nos barrou o caminho. ¹⁹ Pois quem é a nossa esperança, ou alegria, ou a coroa em que nos gloriamos na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não é verdade que são vocês? ²⁰ Sim, vocês são realmente a nossa glória e a nossa alegria!

Embora seja inquestionável o zelo missionário de Paulo, igualmente verdadeiro era seu cuidado pastoral pelas igrejas. Assim, deve-se ter em mente um quadro mais equilibrado do seu ministério: um plantador de igrejas e ao mesmo tempo um conservador de igrejas; um evangelista apaixonado e um pastor cuidadoso. O mesmo Paulo que fazia “tudo para, por todos os modos, salvar alguns” (1Co 9:22), também declarou: “[...] tudo suporte pelos eleitos” (2Tm 2:10).

Estas considerações iniciais sobre Jesus, Pedro e Paulo mostram, ainda que brevemente, a importância do pastoreio nas Escrituras. As passagens aqui citadas devem ser levadas em consideração no desenvolvimento de uma teologia bíblica do pastoreio.

O segundo critério a ser analisado neste artigo para a prática do pastoreio se baseará no pensamento de Ellen White, cujo ministério profético é reconhecido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nos escritos dela, há uma considerável quantidade de referências sobre o assunto. As citações a seguir serão apresentadas com o propósito de contribuir no estabelecimento de princípios para a prática do pastoreio no ministério adventista.

Essas declarações revelam a importância que Ellen White deu ao pastoreio como parte essencial do trabalho do pastor. Algumas vezes, ela fala basicamente da visitação, sem mencionar a palavra “pastorear”; contudo, isso ocorre porque esses dois termos estão intimamente relacionados.

Embora o pastoreio inclua outras tarefas além da visitação pastoral, não há dúvida de que esta representa a essência dele. Assim, na citação a seguir, White (2010b, p. 440) enfatiza fortemente a importância dessa prática, considerando que a negligência a tal tarefa constitui um ato de infidelidade por parte do pastor. “Caso ele [o pastor] negligencie esse trabalho – visitar o povo em suas casas – é um pastor infiel e está sob a repreensão de Deus. Seu trabalho não está nem metade feito”.

Ellen White considerava que a pregação do pastor não era suficiente para o

cumprimento do ministério pastoral. Para a autora, ele devia fazer trabalho pessoal por meio da visitação, pois somente assim poderia alcançar certas famílias.

Havendo o pastor apresentado a mensagem evangélica do púlpito, sua obra está apenas iniciada. Resta-lhe fazer o trabalho pessoal. Cumpre-lhe visitar o povo em casa, conversando e orando com eles em fervor e humildade. Há famílias que jamais serão postas em contato com as verdades da Palavra de Deus, a menos que os mordomos de Sua graça lhes penetrem no lar, e lhes indiquem o caminho mais elevado. (White, 2010c, p. 187)

Na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o tema da visitação pastoral tornou-se objeto de muitas discussões, transformando-se em um plano de trabalho ao qual pastores e anciãos deveriam se empenhar fortemente. Foi nesse contexto que White (2010d, p. 225) declarou:

Não basta pregar aos homens; cumpre-nos orar com eles e por eles; importa não nos mantermos friamente afastados deles, mas nos aproximarmos como simpatia das pessoas que desejamos salvar, visitá-las e conversar com elas. O pastor que dirige a obra fora do púlpito de maneira apropriada realizará dez vezes mais do que aquele que limita seu labor ao púlpito.

A declaração a seguir é bastante contundente. Nela, a autora afirma que os pastores que pregavam sem pastorear deveriam ser dispensados e explica por que pensa assim:

Os ministros que pregam sem pastorear devem ser dispensados. Deveres solenes são negligenciados ao aceitar ministros que trabalham somente em palavra e doutrina, que apenas podem pregar. Eles não vigiam as almas como se devessem prestar contas delas. Eles pregam; mas não completam o trabalho que as ovelhas e os cordeiros precisam que seja feito por eles. Esse tipo de trabalho indiferente tem sido realizado por toda a América, e dinheiro pago a homens empregados, quando eles deveriam ser dispensados a fim de encontrar um trabalho que requer menos responsabilidade e atenção [...]. O rebanho de Deus tem o direito de esperar a visita de seu pastor, de ser instruído, advertido, aconselhado, em seus próprios lares. E se o homem falha em cumprir essa parte do trabalho, ele não pode ser ministro segundo a ordem de Deus. As igrejas que recebem um trabalho assim são desorganizadas, fracas e enfermas, e prontas a perecer. Os sermões não são vitalizados pelo Espírito de Deus, pois a bênção divina não repousa sobre nenhum homem que negligencia o rebanho de Deus. (White, 2010d, p. 223)

Comentando a passagem de 1Pe 5:1-3, que fala do pastoreio, White (2007) recomenda alguns princípios que precisam ser seguidos pelos pastores. Dentre eles está a necessidade de cuidado sobre o rebanho sem atitude ditatorial; para ela, o pastor deve encorajar o rebanho. E mais uma vez, declara que o ministério é muito mais do que pregar.

Os que ocupam a posição de subpastores devem exercer atento cuidado sobre o rebanho do Senhor. Isso não quer dizer vigilância ditatorial, mas com o objetivo de encorajar, fortalecer e levantar. Ministrando significa mais

que pregar sermões; significa trabalho pessoal zeloso e pessoal. (White, 2007, p. 295).

A necessidade de pastoreio requer um plano mais consistente que se baseia na formação de uma rede que deve ser composta por líderes da igreja local que aceitem o chamado de Deus para cuidar de pequenos rebanhos. Esses líderes incluem naturalmente os anciãos, os diáconos, os oficiais da igreja, os professores da escola sabatina e principalmente os líderes de pequenos grupos.

Essa rede precisa estar devidamente preparada a fim de fazer o trabalho de pastorear o rebanho de Deus. Esse plano é simples de explicar e fácil de entender, mas difícil de ser colocado em prática. O pastor tem uma participação decisiva nesse processo, pois é peça-chave para que essa estratégia funcione; cabe a ele decidir se pagará o preço por essa tarefa.

Para muitos pastores, a visitação deixou de ser prioridade. Em viagens que realiza ao redor do mundo, Jonas Arrais, secretário ministerial associado para a Igreja mundial, afirma que descobriu que a maioria deles considera a pregação a principal preocupação, por essa razão não dedicam muita atenção à visitação. Essa última opção tem sido mais eficaz do que a primeira, ainda que o preparo de uma rede de pastoreio requeira mais tempo e foco do que uma iniciativa mais comum para pastorear os membros da igreja.

Ninguém questiona que o pastor deve priorizar o pastoreio da igreja. A própria palavra “pastor” aponta o tipo de trabalho que ele deve realizar. Aquele que foi chamado por Deus para o ministério evangélico terá uma sincera preocupação com o bem-estar dos que lhe foram confiados, e, como Paulo, de boa vontade se gastará e se deixará gastar pelo rebanho de Deus. Boa parte de seu tempo e energia serão investidos para pastorear devidamente suas ovelhas, pois, como sublinha Witmer (*apud* Havey, 2013, p. 140), “a responsabilidade fundamental dos líderes da igreja é pastorear o rebanho de Deus”.

Mas o que é pastorear? Havey (2013) apresenta quatro aspectos do que significa pastorear:

- 1) Supervisão espontânea e zelosa: “Exercer supervisão é realmente o que a palavra grega *episkopeo* significa. Esta palavra significa literalmente, ‘olhar sobre’ e inclui a ideia de olhar com cuidado e vigiar diligentemente”.
- 2) Amar: amar as pessoas de verdade, se importando com elas de modo prático e genuíno.
- 3) Fazer a conexão entre o cuidado e o Supremo Pastor. “Para bem longe das luzes das conferências e do cristianismo televisivo, pastores cuidadosos labutam em obscuridade para confortar a alma das pessoas. Eles conectam as ovelhas com o Supremo Pastor”. Havey (2013) dá um testemunho pessoal do impacto positivo dos pastores em sua vida:

Se não fosse a habilidade de pastores amorosos que me dirigiram ao Supremo Pastor e à verdade de seu evangelho que satisfaz a alma, eu estaria em uma cela almofadada de um hospital psiquiátrico sob os cuidados atenciosos de meus novos amigos da bata branca. Mas graça aos cuidados de meus pastores, agora amo a Deus mais profundamente e aplico o evangelho de maneira mais completa.

4) Liderar: pastorear é liderar, mas é um tipo de liderança que é fruto da graça de Deus, não de cursos ou conferências para líderes. “Liderar começa com graça. A riqueza da graça de Deus é descoberta nos lugares mais extraordinárias; e um deles é no dom de liderança. Deus dá a certos homens graça na forma de uma habilidade de liderar a igreja” (Havey, 2013, p. 144).

O pastoreio descreve a tarefa de dar assistência espiritual aos membros da igreja. Quando feito de modo equilibrado, pode ser resumido em duas palavras: cuidar e discipular. Deve ser do interesse de cada pastor ver que suas ovelhas estão alimentadas e capacitadas ao serviço. Em outras palavras, o objetivo do pastoreio deve ser tornar cada membro maduro e capacitado.

É muito importante que haja equilíbrio na forma como o pastoreio se realiza, porque alguns podem pensar que significa apenas cuidado. Embora essa ideia esteja presente, representa mais do que isso. Para proporcionar um crescimento saudável entre os membros, é preciso também um processo de discipulado como parte essencial do pastoreio. Dessa forma, o pastoreio deve ser visto como uma atividade regular e intencional que tem os objetivos de cuidar e discipular: atender às necessidades do membro e discipulá-lo para que exerça seu ministério na igreja e sua missão no mundo. O seu ministério é o serviço junto aos que creem, e a sua missão é o seu serviço junto aos que não creem. Essa perspectiva, que oferece a possibilidade de reunir na mesma atividade dois aspectos complementares para um pastoreio equilibrado, corresponde ao propósito de Deus para a Igreja conforme escrito em Ef 4:11-12, 15-16:

¹¹ Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, ¹² com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, [...] ¹⁶ de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio crescimento para a edificação de si mesmo em amor.

Contudo, esse trabalho não pode ser realizado apenas pelo pastor, pois sozinho não conseguirá dar conta de tão importante tarefa. É preciso uma rede de pastores e pastoras auxiliares que poderão cuidar de pequenos rebanhos pertencentes a cada igreja. O pastor deve preparar esses líderes a fim de que desempenhem esse ministério de cuidado

e discipulado; essa é a maior contribuição que pode oferecer a todas as suas igrejas.

O processo de descentralização do pastoreio não significa fuga de responsabilidade. O que se pretende com tal arranjo é garantir que ninguém ficará sem ser pastoreado. Naturalmente, o pastor continuará a cuidar do rebanho, se manterá acessível a todos os irmãos e fará um trabalho com mais rapidez e qualidade com a ajuda de uma rede de pastores auxiliares. Os anciãos e os demais líderes trabalharão lado a lado com ele para que nenhuma ovelha fique sem assistência. Com esse modelo, todo o rebanho será beneficiado, pois o trabalho não ficará centralizado em uma única pessoa, mas distribuído com muitos outros líderes que, devidamente treinados, exercerão o pastoreio em um pequeno grupo de irmãos.

Não há dúvida de que pastor tem que pastorear os membros da igreja, isso faz parte da essência de sua vocação; se ele não cumprir essa missão, não pode ser considerado um pastor fiel. Ele deve preparar seu plano de visitação aos membros, comunicá-lo e realizá-lo de modo sistemático e regular. Contudo, os anciãos, juntamente com os líderes de pequenos grupos, os professores da escola sabatina e outros, devem também pastorear uma parte do rebanho, seja um pequeno grupo, seja uma unidade de ação da escola sabatina, seja uma ou duas famílias da congregação.

Em realidade, a Bíblia diz que não são apenas os pastores, os anciãos e os outros líderes que têm a incumbência de cuidar dos membros, mas que todos nós somos responsáveis uns pelos outros pelo fato de fazermos parte do corpo de Cristo, que é a Igreja. Nesse sentido, o pastoreio se estende ainda mais, deixando de ser tarefa exclusiva do pastor, dos anciãos e demais líderes, e se torna tarefa de todos, em que cada irmão se preocupa e olha pelo outro. Nesse ambiente de comunidade, os membros da igreja cuidam uns dos outros com amor e reciprocidade.

²⁵ Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo, mas para que os membros cooperem, com igual cuidado, em favor uns dos outros. ²⁶ De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, todos os outros se alegram com ele. (1Co 12:25-26)

Ajudem a suprir as necessidades dos santos. Pratiquem a hospitalidade. (Rm 12:13)

Alegrem-se com os que se alegram e chorem com os que choram. (Rm 12:15)

Assim, pois, sigamos as coisas que contribuem para a paz e também as que são para a edificação mútua. (Rm 14:19)

Portanto, acolham uns aos outros, como também Cristo acolheu vocês para a glória de Deus. (Rm 15:7)

E eu mesmo, meus irmãos, estou certo de que vocês estão cheios de bondade, têm todo o conhecimento e são aptos para admoestar uns aos outros. (Rm 15:14)

Levem as cargas uns dos outros e, assim, estarão cumprindo a lei de Cristo. (Gl 6:2)

Também exortamos vocês, irmãos, a que admoestem os que vivem de forma desordenada, consolem os desanimados, amparem os fracos e sejam pacientes com todos. (1Ts 5:14-15)

²⁴ Cuidemos também de nos animar uns aos outros no amor e na prática de boas obras. ²⁵ Não deixemos de nos congregarmos, como é costume de alguns. Pelo contrário, façamos admoestações, ainda mais agora que vocês veem que o Dia se aproxima. (Hb 10:24-25)

Ora, se alguém possui recursos deste mundo e vê seu irmão passar necessidade, mas fecha o coração para essa pessoa, como pode permanecer nele o amor de Deus? (1Jo 3:17)

Os textos acima deixam muito claro que o pastoreio não é uma atividade apenas do pastor. Anciãos e demais líderes da igreja também precisam se responsabilizar por uma parte do rebanho, assim como todos nós, sendo membros do corpo de Cristo, devemos cuidar uns dos outros, pois Deus coordenou a igreja de tal maneira que houvesse igual cuidado entre os membros. Esse cuidado mútuo acontece de maneira mais efetiva em uma pequena comunidade espiritual, centrada em Cristo, na qual os participantes do pequeno grupo vivem reciprocamente os princípios do Reino de Deus.

Porém, mesmo organizada em pequenos grupos, a igreja local deve continuar recebendo a assistência pessoal do pastor, que deve promover um programa de visitação pastoral regular e intencional. O pastoreio regular significa um atendimento espiritual constante à cada família da igreja, e essa atividade deve ocorrer principalmente por meio da visitação pastoral, a qual deve ser prioridade na agenda do pastor. Sobre esse ponto, o *Guia para Ministros* deixa claro: “O trabalho feito pelos anciãos não dispensa a visitação pastoral” (Associação Ministerial da DSA, 2010, p. 129). Em outro trecho, há o detalhamento de como esse trabalho pode ser feito em diferentes situações:

Muitos membros da igreja entendem a visitação no lar como uma das responsabilidades do pastor. Realmente, tal prática ajuda a estimular a vida espiritual dos membros e ter em primeira mão o conhecimento das necessidades espirituais da igreja. Em algumas situações, por causa do tamanho da congregação ou distrito, ou da distância geográfica, o pastor necessitará de assistência na manutenção do programa de visitação com os membros. Em algumas grandes cidades, muitos membros vivem em edifícios ou condomínios fechados, fazendo a visitação parecer mais desafiadora.

Em tais situações, um plano que organize os membros em unidades, sob a direção de um ancião assistido por diáconos e diaconisas, torna essa visitação mais praticável. O ancião lidera o planejamento de visitação e os grupos reunidos que elevam a força espiritual dos membros. De tempos em tempos, o pastor pode ser convidado a encontrar-se com o grupo a fim de partilhar informações e confraternizar com eles. (Associação Ministerial da DSA, 2010, p. 132)

Em seu livro *Procura-se um bom pastor*, Arrais (2011, p. 64) apresenta algumas razões porque a visitação deve ocupar um lugar de destaque no ministério pastoral: “A

visitação pastoral e as amizades que ela gera são essenciais ao ministério eficaz [...]. A visitação pastoral oferece ao pastor e aos membros a oportunidade de se identificarem mutuamente”. Apesar disso, ele admite que essa prática deixou de ser prioridade para muitos pastores: “Através das visitas que realizo aos pastores ao redor do mundo, descobri que a maioria deles considera a pregação sua principal preocupação, e não dedicam muito tempo à visitação” (Arrais, 2011, p. 65).

Contudo, White (2010b, p. 440) faz algumas advertências sobre a negligência a essa tarefa fundamental por parte do pastor: “Caso ele negligencie esse trabalho – visitar o povo em suas casas – é um pastor infiel e está sob a repreensão de Deus. Seu trabalho não está nem metade feito”. Em outra ocasião, ela fez uma declaração ainda mais contundente sobre os pastores que não visitavam os membros da igreja. Em sua avaliação, tais pastores deveriam ser demitidos do ministério (White, 2010d, p. 223).

Há muitos benefícios para o ministério pastoral ao se fazer da visitação uma prática regular. Jonas Arrais (2011) destaca as seguintes:

- 1) A pregação é enriquecida: muitas vezes ao ouvir as histórias dos membros, o pastor descobre quais são as reais necessidades do rebanho e que tipo de mensagem da Palavra de Deus será mais oportuna para a congregação.
- 2) Os relacionamentos são solidificados: ao visitar suas ovelhas, o pastor tem a chance de conhecer e ser conhecido de um modo que não seria possível se fosse de outra maneira. “A visitação é a semente para um relacionamento de confiança”.
- 3) Crises são prevenidas: semelhantemente a exames de rotina, a visitação pastoral pode identificar enfermidades espirituais ainda em seu começo, quando será mais fácil tratá-las e curá-las. Um pastor que visita regularmente suas ovelhas reduzirá grandemente as chamadas para apagar incêndios familiares, doutrinários e espirituais.
- 4) O ministério é afirmado: mais do que em outro momento, é durante a visitação pastoral que o pastor oferece de modo pessoal sua ajuda para fortalecer espiritualmente suas ovelhas. Ali, ora, aconselha, exorta, corrige, consola, orienta. Há um toque pessoal em sua ministração, e ele passa a fazer grande diferença na vida das pessoas, as quais apreciarão muito mais essa abordagem do que qualquer ensino ou pregação. Diz-se que as pessoas poderão esquecer o que você disse ou mesmo fez, mas elas jamais esquecerão como você as fez se sentir. É durante a visitação pastoral que o pastor tem a melhor oportunidade de chegar ao coração das pessoas. A esse respeito, White (2010c, p. 193) comentou:

A todos quantos estão trabalhando com Cristo, desejo dizer: Sempre que vos for possível ter acesso ao povo em seu lar, aproveitai a oportunidade. Tomai a Bíblia, e exponde-lhes as grandes verdades da mesma. Vosso êxito não dependerá tanto de vosso saber e realizações, como de vossa

habilidade em chegar ao coração das pessoas.

Há muitas formas de fazer isso, mas aqui será apresentado um plano sugestivo. Tradicionalmente, pastorear significa entrar em contato com as pessoas por meio da visitação pastoral, a qual busca oferecer assistência espiritual. Mais importante do que um roteiro, são certas atitudes durante a visitação pastoral que a fazem essencial. Vamos destacar sete delas a seguir.

- 1) **Respeito** – começa com a pontualidade; chegar atrasado denota desconsideração com a pessoa que reservou aquele horário para receber a visita. O respeito também deve ser demonstrado na forma de tratamento e no cuidado para não ofender com algum gesto ou palavra.
- 2) **Atenção** – significa demonstrar real interesse pela pessoa. É importante fazer perguntas que apontem que você está prestando atenção ao que é dito.
- 3) **Simpatia** – significa uma atitude de abertura que pode começar com um sorriso e continuar com um tom de voz agradável e um olhar amistoso.
- 4) **Empatia** – tem a ver com a postura de ser sensível aos sentimentos da pessoa, demonstrando compreensão e compaixão.
- 5) **Bom senso** – é importante saber o que dizer, a hora de dizer e a hora de ouvir, bem como ter cuidado com inferências e interpretar corretamente o cenário presente.
- 6) **Generosidade** – é preciso se preparar para levar alguma bênção, seja em palavra, seja em oração, seja em tempo, seja em recurso.
- 7) **Intencionalidade** – lembre-se do objetivo da visita: assistência espiritual. Em cada caso, ela pode ter um foco diferente: conhecer, ouvir, orientar, consolar, exortar, advertir, convidar, encorajar, confrontar.

Em função da pandemia, às vezes não será possível realizar a visita presencial. Nesse caso, o pastor poderá marcar uma chamada de vídeo com a pessoa a fim de oferecer a assistência espiritual, seguindo as mesmas atitudes e objetivos de um contato presencial.

Vamos considerar agora alguns aspectos mais práticos como: quanto tempo deve durar a visita pastoral? O que dizer na primeira visita? Que textos bíblicos usar? Devo visitar sozinho ou acompanhado? Essas e outras questões são pertinentes, e algo útil pode ser dito nesse sentido.

- 1) **Quanto tempo deve durar uma visita pastoral?** Depende, mas, em média, 30 minutos são suficientes para uma visita satisfatória.
- 2) **O que dizer na primeira visita?** Existe um roteiro muito utilizado por muitos pastores que se baseia em três perguntas: 1) Como você conheceu a Cristo? 2) O

que faz com que você permaneça firme na igreja até hoje? 3) Existe alguma área em sua vida que você gostaria que houvesse uma mudança? Depois da resposta a essa última indagação, deve-se então ler alguma passagem da Bíblia que seja adequada para o que a pessoa mencionou.

3) **Que textos bíblicos usar?** Depende de alguns fatores: das impressões que Deus lhe der antes ou durante a visita, do seu repertório bíblico e, especialmente, da necessidade espiritual da pessoa que está recebendo a visita. Há passagens bíblicas que são especialmente oportunas para esses momentos, como as que apresentam as promessas de Deus (promessas de paz, poder e presença são sempre apropriadas); entretanto, pode ser necessário que você recorra a textos mais específicos para determinada situação: dúvidas doutrinárias, crises familiares, dificuldades financeiras, morte ou doença de familiares, necessidade de reconciliação, conduta cristã etc.

4) **Devo visitar sozinho ou acompanhado?** Nem sempre será possível conseguir um líder da igreja para acompanhá-lo. Se a visita for a uma família, não há problemas, mas se for a uma mulher, o recomendável é que você vá com sua esposa, um líder da igreja ou outro irmão.

Normalmente, o pastor distrital lidera um grupo de congregações em determinada área geográfica – de acordo com a Associação Ministerial da DSA (2010), a média de igrejas por pastor na Divisão Sul-Americana é de oito. Para organizar o atendimento, ele colocará em seu itinerário a data e o período de suas visitas em cada igreja.

Exemplo:

Programa de visitação:

Terça-feira: Igreja de Bom Jardim

Quarta-feira: Igreja da Vila Eduardo

Quinta-feira: Igreja de Bela Vista

Nesse modelo sugestivo, o pastor pode visitar no mínimo duas famílias em cada igreja, resultando em seis visitadas ao longo da semana. Com disciplina, ao final de um mês, terá visitado 24 famílias do seu distrito, certamente uma marca bastante expressiva para um bom pastoreio. Se o distrito tiver até 12 congregações, será possível visitar famílias de todas as igrejas durante todos os meses. O ritmo desse trabalho dependerá, em grande parte, do número de famílias, da geografia do distrito e, principalmente, da regularidade demonstrada pelo pastor. Independentemente das circunstâncias locais, o trabalho pode ser realizado com muito êxito e bênçãos para as igrejas.

Há um ponto essencial a ser destacado. Como mencionado anteriormente, o

pastoreio precisa ser regular e intencional. Com respeito à regularidade, já foi dito como isso pode ser feito; entretanto, quanto à intencionalidade é preciso detalhar qual seu significado no contexto do ministério pastoral. Embora o pastor deva ser acessível a todos os membros, ele precisa ser estratégico com alguns. Nesse sentido, deve priorizar suas visitas aos líderes: primeiro (e com mais frequência) visitará os líderes e suas respectivas famílias. Deve ter a clara intenção de passar mais tempo com eles. É isso o que significa ser intencional no pastoreio.

Alguns podem achar que tal postura é fazer “panelinha” ou acepção de pessoas, mas na verdade significa otimizar a influência do pastor para o maior benefício do distrito; ou seja, ele dedica mais tempo aos líderes visando ao bem de todo o rebanho. Já foi destacado que, sozinho, o pastor não pode cuidar de todos os membros; entretanto, se os líderes forem pastoreados por ele, terão melhor preparo para pastorear a igreja. Portanto, cabe ao pastor pastorear principalmente os anciãos e demais líderes da igreja.

O pastor precisa se multiplicar por meio dos líderes para que estes pastoreiem melhor a igreja de Deus. Normalmente, ele só consegue atender cada igreja uma vez por mês; no restante do tempo, são os anciãos e os líderes que pregam, ensinam, visitam, aconselham, exortam e fazem todo o trabalho necessário para o bom andamento da igreja. Se eles não forem devidamente apoiados, estarão mais expostos à sobrecarga, ao desânimo, às tentações e ao abandono de suas funções, o que seria trágico para qualquer congregação.

Por isso, cabe ao pastor dedicar o tempo necessário para pastorear os líderes! Ele precisa cuidar dos cuidadores! Se isso for feito de modo regular e intencional, todos ganharão e se cumprirá na igreja local o que está escrito em Ef 4:11-16:

¹¹ E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, ¹² com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, ¹³ até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de pessoa madura, à medida da estatura da plenitude de Cristo, ¹⁴ para que não mais sejamos como crianças, arrastados pelas ondas e levados de um lado para outro por qualquer vento de doutrina, pela artimanha das pessoas, pela astúcia com que induzem ao erro. ¹⁵ Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, ¹⁶ de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio crescimento para a edificação de si mesmo em amor.

REFERÊNCIAS

- ADEYEMO, T. (Ed.). **Comentário bíblico africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- ARRAIS, J. **Procura-se um bom pastor**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA DSA. **Guia para ministros adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. Atos e Romanos. São Paulo: Hagnos, 2002.

DORNELES, V. **Comentário bíblico adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014. v. 6. (Série Logos).

HAVEY, D. **Eu sou chamado?** A vocação para o ministério pastoral. São José dos Campos, SP: Fiel, 2013.

KELLER, T. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.

WHITE, E. G. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. G. **Evangelismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010b.

WHITE, E. G. **Liderança cristã**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010a.

WHITE, E. G. **Ministério pastoral**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010d.

WHITE, E. G. **Obreiros evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010c.

WIERSBE, W. W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006. v. 4.

.